



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea
Lua Cheia, Junho de 2010, nº 128



Sinto a Senhora mais viva em mim !
Pulsando Seu sangue quente...
Levando meu olhar através dos mundos.
Deusa amada, querida, sinto a
Senhora mais firme, guiando meus
passos na direção do Seu coração
de cristal.
Mãe iluminada, luz do meu ventre.
Sinto o clarão da Sua aura multicolorida,
arco íris.
Grande espírito elevado, Seu braço quente
e terno me envolve, me aquece.
Seu manto me cobre de ternura.
Seu sorriso me entontece.
Seu olhar me enobrece.
Seu amor me tece...
Te Amo, Te Amo, Te Amo....

Mônica Rivera



Mirella Faur

Eclipse Lunar de 26 de junho de 2010

A humanidade está mergulhada em um mar de frequências vibratórias e padrões de interferências diversos, gerados por fontes feitas pelo homem ou estelares. Microondas, raios X e gama, ondas - de rádio, curtas, longas, ultravioletas e infravermelhas - nos envolvem dia e noite. A cada seis meses o Sol, a Lua e a Terra se alinham de tal forma que interrompem uma porção deste fluxo constante de raios cósmicos, fato que permite uma reconfiguração da nossa consciência. Velhos padrões podem ser dissolvidos, novos caminhos e portais formados, novas soluções e possibilidades configuradas.

O eclipse lunar deste mês de junho é um dos maiores alinhamentos astrológicos de 2010, intensificado por uma série de fatores. Ocorrendo alguns dias depois do solstício, neste plenilúnio forma-se uma grande cruz, envolvendo Plutão, Urano, Saturno e Júpiter, todos a uma distância de cinco graus dos quatro pontos cardinais. Os signos cardinais- Áries, Câncer, Libra e Capricórnio- marcam a mudança de uma fase de desenvolvimento para a próxima. A grande cruz desta vez envolve doze quadraturas e seis oposições (em lugar das habituais quatro e duas, respectivamente), aumentando os desafios, mas também o potencial para um salto quântico. As quadraturas exigem mudanças reais e não apenas superficiais, enquanto as oposições somente serão resolvidas se respeitarmos e integrarmos ambos os pólos. A conjunção de Júpiter e Urano em Áries nos desperta, ativa e mobiliza para percebermos e fazermos as coisas de forma diferente. O Sol e a Lua em Câncer nos sensibilizam sobre nossos sentimentos e reais necessidades. A Lua e o Plutão em Capricórnio exigem o reconhecimento do nosso poder e da



nossa responsabilidade, enquanto Saturno em Virgem nos impele para focar naquilo que é o mais necessário e ao nosso alcance para realizar. A ativação simultânea e intensa dos quatro pontos cruciais vaticina um ponto de mutação na história humana.

Esta grande cruz está também alinhada com o Centro Supra Galáctico (no primeiro grau de Libra), um imenso buraco negro com a massa de bilhões de sois, ao redor do qual gira a Via Láctea e muitas outras galáxias. Poderosas transmissões eletromagnéticas irradiadas deste Centro atuam como um farol espiritual, ativando memórias da nossa origem cósmica e do nosso destino. A natureza revolucionária deste eclipse é aumentada pelo movimento retrógrado de Urano no dia 5 de julho e a sua circunvolução ao redor do primeiro grau de Áries durante 78 dias, desde 27 de maio até 14 de agosto. Saturno fará o terceiro quincunce com Netuno (nos graus 25 de Virgem e Aquário) no dia seguinte ao eclipse, assinalando o fim de uma fase de incubação e preparação. Dada a combinação destes fatores, podemos esperar uma ampliação da nossa compreensão do universo e da nossa atuação no mundo.

Os símbolos sabianos nos alertam para sermos prudentes ao defendermos nossos direitos. A imagem associada ao Sol no grau 5 de Câncer descreve um carro esmagado pro um trem num cruzamento, ou seja a previsão de resultados trágicos quando um indivíduo coloca sua vontade acima do bem estar coletivo. Para a Lua no grau 5 de Capricórnio uma cena tribal descreve um grupo de índios realizando uma dança de guerra, enquanto outros estão se encaminhando para um barco, indicando a mobilização das energias físicas e emocionais para conquistar um objetivo.

Use o poder deste eclipse para dar um salto adiante no seu caminho, explorando e experimentando novas formas de expressão, com fé firme e confiança.



Mãe Terra Abundância

Fui presenteadada com a oportunidade de focalizar uma oficina de Jardinagem Agroflorestal na Conferência Internacional Infante-Juvenil pelo Meio Ambiente - Vamos Cuidar do Planeta (<http://confint2010.mec.gov.br/> e <http://vamoscuidardoplaneta.net/>). Participaram da Conferência cerca de 350 meninos e meninas entre 11 e 15 anos vindos dos quatro cantos do mundo, de todas as raças, religiões, línguas e culturas. Um lindo caldeirão colorido de crianças conectadas com a intenção de Cuidar do Planeta.

Nossa oficina foi realizada em 3 línguas: português, espanhol e francês. Trinta e três meninos e meninas de Angola, Burkina Faso, Cabo Verde, Paraguai, Uruguai, Peru, Guiana Francesa, França, Brasil, Timor Leste se reuniram em torno de canteiros para plantar sementes. Mas antes de plantar, colhemos. Sim... invertemos, porque é assim na Agrofloresta: toda vez que colhemos, agradecemos plantando. Nossa ação de gratidão é plantar para os que virão depois de nós. Na natureza bem cuidada e respeitada, há muito e para

todos. E foi nesse momento, no momento da colheita, que fui testemunha de como a abundância traz a paz, sendo a guerra um fruto da escassez.

Na semana anterior à Conferência, havíamos trabalhado com 6 facilitadores, jovens adultos, que, por sua vez, seriam responsáveis por focalizar, com nosso apoio, a oficina com as



Esmeralda (Cabo Verde) e Alex (França),
plantam juntos uma mudinha de melissa na
Espiral de Ervas

crianças durante a Conferência. Um dos facilitadores de língua francesa, Armed, era de Burkina Faso. Um negro forte e sério. Quando a oficina com os meninos começou deu-se o encontro entre Armed e Theo. Theo, um pré-adolescente vindo da Guiana Francesa, um menino muito branco e muito francês. Um menino muito inteligente e ativo. Um irrequieto mocinho que não se conforma em não saber tudo. Tagarela e agitado, Theo é muito diferente dos meninos e meninas de Burkina Faso, tão inteligentes quanto Theo, mas quietos e silenciosos, obedientes e calmos. No encontro entre Armed e Theo, estabeleceu-se a tensão. Em determinado momento, Armed chegou a desistir de trabalhar com o grupo. Mudou de idéia e retornou. E foi depois desse retorno que fomos à colheita. Nós havíamos preparado canteiros em mandala que estavam, nesse dia, cheio de alface, rúcula, couve e acelga para colher. Colher é um ato mágico. A visão da abundância é algo transformador. E foi assim que pude fotografar Armed e Theo, juntos, sorrindo, segurando uma enorme bandeja carregada de maços de alface. E foi assim que, diante de mim, manifestou-se o poder da abundância em gerar a paz.

E assim também é entre seres humanos e não humanos. Tenho me dado conta de que quanto mais meu quintal é abundante, menos me importo que parte de minha colheita seja compartilhada com os outros seres. Há para todos nós. Por que me importar em dividir os mamões com as dezenas de espécies de passarinhos cujo canto enche o ar de beleza, se mal dou conta de comer tudo o que os 4 mamoeiros em produção me oferecem em sua infinita generosidade? Porque me importar em dividir parte das mangas com larvas e insetos diversos que trazem vida ao solo tornando-o mais fértil para minha mangueira? Quando há abundância e não entramos no espaço do egoísmo, querendo tudo só para nós, não é necessário entrar em guerra com insetos, passarinhos, répteis, moluscos, minhocas, no esforço absurdo de eliminá-los, além de ser muito mais eficiente para o sistema vivo... Se o que queremos é vida... temos que criar abundância para que ela possa prosperar, gerando mais abundância, num círculo virtuoso infinito rumo à plenitude.

Helena Maltez



De dentro para fora Amores

Em nome do amor, muito se é feito. Palavras são destiladas, "guerras" são justificadas, opressões são sofridas. Preferimos olhar para o Amor como aquele sentimento ou estado que proporciona a libertação do Ser, que oferece um estado de graça e que amplia o olhar daquele que ama.

É importante percebermos que o amor não se dá de forma perene, mas pode ser vivido no cotidiano, no que parece pequeno e que, na vivência inebriada pela energia do amor, se faz grandioso e sagrado. Nesse sentido, o amor pode ser dar em um encontro ou em um olhar lançado ao outro ou ao mundo. O Amor não precisa ter objeto para se fazer presente. Posso amar o outro, o que me circunda, a

vida... o divino que se manifesta em todas as coisas. Jean-Yves Leloup afirma: "Nossos amores podem indicar o lugar onde Deus se revela".

Este autor afirma ainda que o Amor busca a integração, convergindo, por exemplo, o mais sagrado e o mais divino, no mais humano e no mais cotidiano. Não nos foi pedido para sermos santos, ao contrário, foi-nos solicitado sermos humanos, e a busca da nossa humanidade nos aproxima cada vez mais da vivência do Amor.

Somos nós que temos o potencial de oferecer sentido a tudo e tornar o que antes era considerado profano em transcendente e sagrado. O olhar que lançamos ao mundo que o transforma. Um olhar amoroso tem o poder de concretizar a ética, a dignidade, a beleza e o respeito devido a todos os seres e, portanto, de transformar as nossas inúmeras realidades. À medida que percebemos esse potencial do humano percebemos que nós somos fonte de onde transborda o Amor.

Paula Paz



Mirella Faur

Os espíritos da Natureza



As antigas culturas e tradições, de todo o mundo, conheciam e honravam a existência de seres espirituais dos reinos da natureza, bem como os seres sobrenaturais de vários planos sutis. Apesar do ceticismo moderno, que levou à perda do contato com a dimensão sutil e mágica do universo,

somos permanentemente cercados por seres espirituais, que podem influenciar nossa vida de maneiras positivas ou dramáticas. Ao resgatarmos nossa conexão ancestral com a "Grande Família" - da qual fazem parte todos os seres da Criação -, iremos reconquistar a nossa plenitude interior, a percepção sutil e o olhar "mágico" para ver e sentir tudo o que está ao nosso redor. Se abirmos sem reservas o nosso coração e a nossa mente para buscar a sintonia com nossos "irmãos menores" e a integração no fluxo da vida, ultrapassaremos a ilusão da separatividade e a nossa pretensa superioridade.

Em várias tradições, os seres da natureza são descritos como fazendo parte de três reinos: o mundo subterrâneo, o mundo mediano (físico e humano) e o mundo superior ou cósmico, ao qual pertencem principalmente os seres sobrenaturais. No entanto, a realidade é mais complexa e abrangente, pois o espírito permeia o Todo e tudo que dele faz parte. Todas as manifestações da realidade têm um aspecto espiritual, que pode aparecer de maneira ativa ou passiva, de curta ou longa duração. Os espíritos de um determinado ambiente natural são tão variados quanto a fauna e a flora; por existir um contínuo movimento de desenvolvimento e mudança, que diminui os limites entre as diversas formas, a gama das suas apresentações fica muito mais ampla e diversificada. As classificações dos seres espirituais dependem da cultura ou escola metafísica, existindo nuances entre as divisões mais tradicionais. De forma simplista, podemos usar a divisão em devas, espíritos elementais e os seres elementares.

Devas

Os devas são seres sutis, de vibração elevada, celestes e brilhantes, cuja estrutura é etérea e específica ao elemento ao qual pertencem. Eles atuam como intermediários entre os anjos e a humanidade, associados a determinada área ou forma vegetal, mais ligados ao "mundo verde" do que às coisas materiais ou intelectuais. Por serem naturalmente alinhados com a Fonte Divina, eles guardam na sua consciência a matriz ou a memória do substrato ao qual são ligados, na sua forma mais perfeita. Em outras palavras, têm acesso à "ideia perfeita" da criação, antes da sua manifestação na realidade física e que representa o alvo dos seus esforços. Porém, a sua habilidade de criar formas perfeitas pode ser prejudicada ou bloqueada pela poluição - do ar e da terra -, pelas catástrofes naturais ou pelo campo mental, emocional e material humano.

Os devas são seres evoluídos, possuindo chacras, cujo número e tamanho mostram a natureza e o grau de elevação do seu trabalho. São semelhantes aos anjos, dos quais se diferenciam pela quantidade e qualidade da luz irradiada, seu trabalho sendo conjunto e entrelaçado, sem que haja uma demarcação clara, apenas uma mescla ou sobreposição de funções. Os devas recebem as energias irradiadas pelos anjos e as retransmitem para os níveis astrais de menor vibração, onde existem outros espíritos da natureza. São seres grupais, entrelaçados pelas energias e padrões vibratórios do seu

respetivo grupo; uma "família" formada por muitos seres devicos tem uma única consciência e alcança uma maior área de atuação, sendo ligada às divindades. Os devas são associados a certos lugares específicos, como montanhas, rochedos, geleiras, planícies, florestas e áreas cultivadas, onde supervisionam os processos naturais, emitindo impulsos adequados para o desenvolvimento harmonioso de cada habitat. Devido à sua consciência expandida, um deva pode abarcar todos os processos do plano em que atua, bem como coordenar as atividades dos espíritos de menor evolução. Por serem conscientes das atividades dos seres humanos, respondem com uma aceleração da sua vibração e luminosidade a todos os que percebem, admiram ou se alegram com a sua presença, podendo, em certas ocasiões, ter contatos telepáticos com eles. A vibração dos devas é luminosa e harmoniosa, alegre e compassiva, eles não têm opiniões individuais, nem julgam o que acontece ao seu redor.

Existe um tipo especial de devas, que não são confinados apenas nas áreas puras ou selvagens da natureza, mas se encontram nas cidades, perto de usinas, empresas e moradas e que trabalham para "limpar" a terra, o solo, o ar poluído e a egrégora humana e animal. Os de níveis mais elevados aparecem como anjos que cuidam dos doentes, de crianças e animais domésticos, das estações elétricas, do tratamento de resíduos tóxicos e do lixo, com a mesma dedicação como os que cuidam de árvores e flores. Às vezes, a poluição, a negatividade e densidade do ambiente físico e psíquico podem baixar a sua vibração e alguns deles desenvolvem padrões comportamentais negativos, que exigem a ajuda e a compaixão dos seres humanos mais evoluídos e conhecedores de técnicas de transmutação, cura e elevação espiritual.



Isso pode acontecer com os espíritos de todos os reinos, dando origem às histórias dos "espíritos maus", que aumentam a egrégora negativa repleta de medos, maldades, violências, doenças, desequilíbrios diversos, juntamente com seus efeitos reais sobre os seres humanos, que podem responder com o mesmo teor energético (no nível mental, emocional, psíquico, material, mágico), de forma consciente ou inconsciente e criando assim os seres elementares, de baixo teor vibratório. Estes seres aparecem como fantasmas, larvas astrais, "encostos", "quiumbas", obsessores ou

vampiros energéticos, cuja descrição foge ao propósito deste artigo.

Espíritos elementais

Tudo no mundo físico, incluindo os seres humanos, é formado pela combinação dos quatro elementos estruturadores - fogo, água, ar e terra - sendo que um ou mais destes elementos podem predominar na sua constituição. Desde Aristóteles é também levado em consideração um quinto elemento, a "quintessência", o éter, de origem celeste e radiante, ligado à essência espiritual. Os seres menos evoluídos pertencem a um só elemento específico e têm uma vibração energética simples; os mais evoluídos são complexos e conectados a outros elementos além do seu próprio. Por exemplo, um elemental da tempestade combina na sua estrutura ar e água, além de ter a presença do fogo nos relâmpagos. Um grupo maior destes elementais forma um titã ou gigante, que são os mais antigos seres, associados às grandes mudanças climáticas e planetárias, responsáveis por terremotos e maremotos, deslizamento das placas tectônicas e o movimento dos continentes.

Alguns destes espíritos são compostos de matéria astral e etérea, que lhes dá uma



aparência radiante. Eles canalizam as forças astrais para vitalizar o campo etéreo e as retransmitem para sua manifestação no mundo físico, tendo um maior nível de consciência do que os que trabalham apenas no campo etéreo. À medida da sua evolução, eles podem se individualizar tornando-se conscientes do seu ambiente e interagindo com as forças ao seu redor. Eles não têm livre arbítrio, mas têm vontade própria, podendo responder em função das suas ações e propósitos dentro do seu campo de atuação. Na sua aparência, aqueles que auxiliam os seres humanos assumem feições ou características humanas, por serem formados da mesma matriz e com a mesma geometria sagrada. Mas nos ambientes em que as pessoas não conseguem viver sem suporte artificial - como nos oceanos ou na profundidade da terra - suas formas variam, alguns aparecem como seres indefinidos ou grotescos, tendo esboçados a cabeça, o corpo e os membros. Eles possuem centros energéticos simples, alguns são alados, principalmente os associados a plantas, ar e fogo, diferenciando-se assim dos associados à água, mais fluidos e mutáveis e à terra e rochas, mais densos.

Os seres elementais são conhecidos como "criadores de formas", pois traduzem as formas mentais dos anjos menores em formas etéreas e depois físicas. Possuem corpo etéreo, falam e se comunicam entre si, se nutrem energeticamente e se reproduzem. Não podem ser destruídos por elementos materiais, mas não são imortais, podendo viver entre 300 e 1000 anos; quando seu trabalho termina, são reabsorvidos no oceano do espírito. Seu tamanho é variável e pode ser mudado junto com a sua aparência, mas usando o mesmo elemento de origem, que é responsável pela sua classificação em gnomos, salamandras, silfos e ondinas.

Os Gnomos, fazem parte do elemento terra, cuidando dela, bem como dos minerais, metais, plantas e árvores. Sua aparência é rude, com feições envelhecidas ou retorcidas; eles compreendem o que veem e ouvem, tendo uma consciência clara, com percepção interior, conhecimento imediato e intelecto universal. As plantas recebem as energias cósmicas e as conduzem para o solo, onde os gnomos coletam a informação e a retransmitem à terra e aos minerais. Eles vivem em comunidades debaixo da terra, nas florestas, grutas ou frestas sendo regidos por *Gobi*; são ariscos e não confiam nos seres humanos, muito sensíveis às fases da Lua e evitam os raios solares que podem petrificá-los. Conhecem-se vários subgrupos: driades, anões, pigmeus, leprechauns, kobolds, brownies, landvaettir, espíritos protetores das casas, sátiros e faunos, entre outros.

As Salamandras pertencem ao elemento fogo e diferem entre si pelo tamanho (que elas podem modificar), aparência e qualidade, sendo os elementais mais poderosos, no nível construtivo ou destrutivo. As salamandras atuam como mediadoras entre os anjos e os níveis físicos da criação. Seu regente é *Djin* e elas são consideradas agentes de transformação, envolvidas nos processos de decadência, morte e regeneração. Aparecem como seres radiantes - nas chamas das fogueiras ou dos vulcões (onde podem assumir formas humanas com aspecto demoníaco) - ou como luzes brilhantes oriundas dos processos de decomposição (conhecidas como "fogo-fátuo" visto nos cemitérios).

Os Silfos são ligados ao elemento ar e têm a frequência vibratória mais elevada, possuindo tamanhos variáveis, do pequeno ao gigante; são seres voláteis e mutáveis, alados ou não, podendo assumir formas humanas por pouco tempo. Seu regente é *Paralda*, seu veículo o vento, trabalham no éter e aparecem como seres amistosos, que ajudam os seres humanos nas artes criativas, conferindo-lhes inspiração. Eles vivem no

topo das montanhas por centenas de anos e não aparentam envelhecer, mas são sensíveis às mudanças atmosféricas. Podem aparecer no meio das nuvens, nos redemoinhos de poeira e nos tufões; são associadas aos pássaros e às borboletas e transferem luz para as plantas. Em algumas tradições consideram-se os elfos e as fadas como pertencendo aos silfos, porém com características e tributos diferenciados.

As Ondinas habitam no interior da água, controlam suas funções e acompanham seu movimento, cuidam das plantas aquáticas e dos seres que habitam nas águas. Aparecem com lindas e graciosas formas femininas, às vezes tendo caudas de peixes e cavalgando as ondas, envolvidas por uma substância etérea, luminosa e iridescente, que brilha com as cores do mar, predominando verde e azul. Também são encontradas nos rios, fontes, córregos, cachoeiras e lagos, como lindas e louras jovens, penteando seus longos cabelos. Às vezes moram nas cavernas de corais ou sob as pedras do fundo do mar ou rio, se escondem entre as raízes das plantas aquáticas, deslizam brincando nas cachoeiras ou ficam nas rochas das margens dos rios. As ondinas trabalham com a essência vital das plantas, dos animais e seres humanos, estando presentes em tudo que contém água; sua regente se chama *Niksa*, que elas servem e obedecem com amor. São seres sensíveis e emotivos, sonhadores e mutáveis, que adoram música e dança; aparecem e desaparecem com rapidez, mas também podem assumir comportamentos prejudiciais aos homens, atraindo-os e os encantando, para depois deixá-los se afogarem. Dependendo do seu habitat e da sua tradição de origem, seus nomes variam entre sereias, ninfas, náíades, oceânides, nereidas, iaras ou nixies.

Além dos seres ligados essencialmente à natureza, existem elementais associados à estrutura humana.

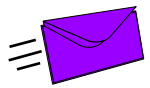
O Elemental dos Grupos: formado junto com a estruturação de um grupo, sua força e energia dependem das emoções, pensamentos e integração dos seus membros. Ele influencia os integrantes conectando-os e permitindo - ou barrando - a entrada de um novo membro, se o seu campo emocional ou mental for dissonante da egrégora grupal.

O Elemental do Corpo: é situado no corpo etéreo, sendo a sua função criar a forma física do corpo (na concepção e gestação), depois cuidando do seu crescimento e amadurecimento, até a morte. Ele é responsável pelo bem estar do corpo, manipulando

as energias da natureza, transferindo-as para os corpos sutis e depois ao físico, ajudando assim na homeostase cotidiana. É um fator importante na autocura, por conhecer intimamente a estrutura molecular até o nível celular (DNA) e por ter ajudado a criar o corpo, como um invólucro temporário da alma. Ele sabe onde os traumas e as memórias são armazenados e tem o mapa dos lugares com problemas energéticos ou físicos, sendo capaz de resgatar a informação e liberar o conhecimento atávico para ajudar no processo de cura. Acredita-se que é localizado entre o plexo solar e cardíaco, conectando alma e corpo com a mente divina, seu fluxo energético seguindo a coluna vertebral até a cabeça. Pode ser contactado durante a meditação, nas sessões de cura ou regressão de memória, mas ele não pode atuar sozinho, cabendo à pessoa assumir a responsabilidade para mudar e melhorar seu estilo de vida.

Para isso é importante que cada um de nós cuide da sua alimentação, atividade física, repouso e higiene mental, modificando comportamentos prejudiciais e tóxicos, buscando a conexão e sintonia com os reinos da natureza, e m p e n h a n d o - s e n o aprimoramento espiritual e na ampliação da sua consciência, para assim se integrar e harmonizar com todos os seres, elementos e reinos da Criação.





Posta-restante

por Maria Amaziles

Maria,

Cada ciclo de vida traz seus tons e matizes característicos. Os brotos tenros alardeiam cores de primavera, assim como o Sol trombeteia os ares do verão precedendo amarelos outonais que, por sua vez, adocicam o recolhimento, quando sopra o inverno. Você pode constatar essa beleza numa dança infinita, no olhar inaugural dos filhotes, na ternura da natureza madura de suas mães, na sabedoria compassiva das avós, cúmplices dos segredos do mundo.

Entretanto, contrariando o fluxo natural, é fácil perceber o que teima em rigidez, trazendo as notas dissonantes na sinfonia da criação. São, sobretudo, as manifestações de intolerância e violência, produtos da ignorância. Pois uma criatura só se permite a dolorosa atitude de manifestar o desequilíbrio e o desamor, em qualquer que sejam as suas nuances, quando desconhece o próprio espaço na maravilhosa teia cósmica e telúrica que irmana todos os seres. Ainda que eu me desdobre em múltiplas e belas manifestações dessa irmandade inequívoca, você

continua a repetir, como um mantra, os argumentos ilusórios que pretendem justificar preconceito e rancor, confundindo diversidade com desigualdade.

Eu, que sou a Mãe de tudo o que existiu antes, do que agora é e do que virá a ser, desdubro-me em Amor manifestado, na direção de cada filha e filho Meus, sabendo que essa bênção traz a semente de cura para esse veneno amargo, algoz da humanidade inteira.

Receba, pois, filha a quem tanto amo, esse toque curador em sua alma: que Meu sussurro desperte a lembrança de sua origem, ventre de onde nasceu cada ser, em perfeição. E que, recordando essa origem comum, você possa de fato e de coração se irmanar a toda a criatura, percorrendo em perfeito amor o caminho que leva ao portal, quando acolherei você novamente em meu regaço.

Em ancestral e amoroso cuidado,
Aquela que é.



Contos de Loba

A história da Carol

Carol lia e relia meu velho caderno de contos. Buscava algo, que a letra teimava em lhe ocultar. Impaciente, declarou "Tia, não há nada aqui sobre mim" e com olhar meigo e sorriso maroto arrematou: «Escreve algo sobre mim, tia?» Meu sorriso de loba surgiu levemente no canto do rosto, estreitando meus olhos. E minha mente divagou no tempo...

A história da Carol começou muito, mas muito antes de tudo o que eu me lembro. Para a biologia a história da Carol começou da união de um óvulo com um espermatozóide, formando um pequeno e frágil embrião, protegido por nove meses no ventre de sua mãe. Para mim, a história da Carol começou com a união de três mulheres, sua avó, sua mãe e eu, sua jovem tia. Três pilares de sustentação que embalaram a pequena menina desde o seu primeiro sopro de vida. Naquele dia, sua avó lhe segurou nos braços e lhe envolveu com uma pequena fita vermelha, dizendo você é minha neta, filha de minha filha. Assim, ela ofertou a menina uma história, uma identidade, um lar. Não me refiro apenas ao lar físico, mas o pertencer a um clã. O clã ao qual pertenciam todas as mulheres da nossa família, todas suas tias, primas. E com isso a história da Carol ganhou um longo passado... Ganhou a infância de minha mãe e de suas irmãs, a história de minha avó, sua bisavó, tudo ali ao alcance de suas pequeninas mãos. Tudo compartilhado entre nós, o seu clã, nas reuniões de família, ao sabor de nhoque da bisavó, bolo da dinda, no casamento da prima. A história da Carol ganhou experiência que ela nunca teve, ganhou e perdeu batalhas que ela nunca travou. A pequena Carol poderia ser bailarina, ser escritora, estudar astronomia, engenharia. Poderia namorar, casar e divorciar e namorar de novo, casar de novo, ficar solteira. Poderia trabalhar, viajar, ficar em casa com os filhos. Tudo conquistado ao longo de séculos e séculos por diversas e brilhantes mulheres, representadas em cada uma de seu pequeno clã familiar. Pois a história de uma mulher e a história de todas as mulheres.

Naquele dia sua mãe lhe pegou no colo e lhe amamentou com o alimento da vida, o AMOR. Um amor incondicional, infinito, grande, grande, que às vezes parece não caber nela, mas cabe e expande. Um amor que transformou toda ausência, em presença. Toda dúvida em certeza. Toda desesperança em fé. Toda mágoa em perdão. Um amor que fez tripa coração. Que a embalou, aconchegou, aninhou. Um amor que faz a história da Carol ser uma história bonita de se contar, de se ouvir, de se viver. Com ela você aprendeu o que é ser menina, o que é ser mulher. E quando você está com ela, você pode ora ser menina, ora ser mulher. Ela é seu porto-seguro. Meus olhos de loba marejaram ao recordar aquele dia. No dia em que eu ainda uma jovem loba, aceitei formar essa tríplice aliança. E assim eu lhe prometi ser sua amiga e conselheira. Naquele tempo, eu não tinha noção do real significado dessa promessa. Eu aprendi com você, o que ela significava. Cada conselho, cada palavra, cada gesto. Ajudar a escrever a história da Carol, tem sido a terapia mais intensa ao qual eu me submeti. A mais transformadora. Ser amiga e conselheira da Carol me faz rever todos os dias os meus conceitos, preconceitos, medos e vitórias. Ter consciência que eu faço parte e influencio a história da Carol, me faz simplesmente querer ser uma pessoa melhor.

Hoje a Carol é uma moça, uma donzela, no auge dos seus dezessete anos, toda a sua história é apenas um começo. Ela hoje teve sua primeira aula, no curso de Medicina Veterinária. O namorado vai buscá-la na UnB. Eles têm planos juntos, mas essa é outra história, que tenho certeza será muitíssimo bem escrita pela Carol.

Com amor
Irmã Loba Ana Cris



Dicas da Clara

Clara Barreiro



Mensagens cifradas, outras linguagens, zodíaco, princípios essenciais, virtudes, sabores, uso mágico, calendário, receitas culinárias, remédios, poesias, mimos e segredos... de flores. Isso mesmo, um livro como

aqueles belos e bons de antigamente. SEGREDOS DE TIAS E FLORES, de Henda da Rocha Freire, da Relume Dumara Editora. O meu foi comprado em sebo, com dedicatória e tudo!



Tome uma atitude sustentável

Plante, cuide ou adote uma planta. Natural, claro. Pode ser as belas e resistentes orquídeas, as singelas violetas, árvores de pequeno ou grande porte (vale as da quadra, coletivas), as bravas e pouco exigentes suculentas. Ache sua companheira e permita-se ser acolhida/escolhida por ela. O Reino Vegetal plenamente cumpre com sua função nutridora, protetora e colaboradora no propósito de evolução. Acompanhe a mudança das estações em suas folhas, seus frutos e flores, quando houver. Observe as exigências de água e solo, os animais e fungos companheiros. Contemple e agradeça. Viva o inverno deste Planalto Central!



AGENDA 2010

*25 de julho: Plenilúnio: Celebração das Deusas Serpentes

*1º de agosto: Festival da colheita - aberto também para homens

*24 de agosto: Plenilúnio: Celebração das Deusas do Mar

*23 de setembro: Comemoração do Equinócio: A volta de Perséfone - apenas para mulheres

*22 de outubro: Plenilúnio: Celebração da Deusa havaiana Pele

*31 de outubro: Samhain: Celebração das Ancestrais - apenas para mulheres

*21 de novembro: Plenilúnio: Celebração da Deusa Celta Cailleach

*21 de dezembro: Plenilúnio e solstício: « A Noite da Mãe » - Celebração da Deusa nórdica Nerthus



Mirella Faur

Imitando a Mãe Natureza

Desde o início da revolução industrial, os produtos eram manufaturados pelo processo conhecido como "aquecer, bater, torcer". Isto significava partir do material bruto, usar uma enorme quantidade de energia para aquecê-lo, máquinas pesadas para modelar e substâncias tóxicas para manter a força e a durabilidade. Atualmente, devido aos avanços tecnológicos e ao aumento do custo da energia utilizada, cientistas e pesquisadores têm um objetivo desafiador: olhar o mundo natural e nele encontrar inspiração para novos produtos e sua confecção de uma maneira mais barata, eficiente e eco-sustentável. Este novo campo inclui e integra biólogos, engenheiros e desenhistas e se chama "bio-mimetismo" (biomimicry).

Existem inúmeros exemplos de inspiração no mundo natural: a aranha cria um fio que é cinco vezes mais forte que o aço, sem precisar de um processo metalúrgico sujo e que consome energia; o revestimento da concha de abalone - a madrepérola - é duas vezes mais resistente do que a cerâmica industrial, enquanto tubarões e outros animais marinhos se locomovem velozes, sem precisar de gasolina. Já existem, atualmente, tintas para o exterior inspirados nas folhas de lótus, que permanecem limpas mesmo nos pântanos lamacentos. Corantes, tintas, tecidos e cosméticos estão sendo desenvolvidos com técnicas baseadas nas cores criadas pelas borboletas. Um novo tipo de compensado está sendo fabricado com material que imita as proteínas que permitem aos mariscos azuis se agarrarem nas rochas, em lugar de usar adesivos tóxicos na base de formaldeído.

Ao longo dos tempos, cientistas, desenhistas e artistas sempre procuraram ideias na natureza como

Leonardo da Vinci, que estudou o voo dos pássaros para construir uma aeronave rudimentar. Mais tarde, um engenheiro suíço, andando nas encostas dos Alpes, inspirou-se nos frutos espinhentos e pegajosos de um carrapicho e inventou o velcro. NASA, agências espaciais europeias e a força armada americana se inspiraram na natureza para criar uniformes leves e resistentes às variações de temperatura.

Na década de noventa, as novas e inovadoras tecnologias se fundiram num movimento maior, os avanços na nanotecnologia tornando possível a produção de vários tipos de produtos se guiando pro esta constatação: "a natureza é pequena, complacente, flexível e munida de sensores, enquanto a tecnologia é grande, rígida, metálica e cheia de engrenagens". Um catalisador para este movimento foi o trabalho de Janine Benyus, uma escritora e cientista que começou a colecionar e catalogar exemplos daquilo que ela chamou de "biomimetismo" (biomimicry). Pela conexão e parceria de cientistas, homens de negócios e desenhistas, foram criados institutos que deram origem a inúmeras ideias "bioinspiradas". Como um exemplo, em Ohio estão sendo feitos estudos usando as escamas dos tubarões como um modelo para reduzir o atrito e aumentar a velocidade de navios e aviões. Na Califórnia foi encontrada a adaptação da espiral logarítmica da concha do nautilus para usar nos ventiladores, o que vai levar para uma redução do consumo da energia global. Algumas descobertas muito interessantes foram feitas na arquitetura e no planejamento urbano em Zimbábue com construções imitando cupinzeiros, que mantém uma constante temperatura independente das condições exteriores, o que leva a uma redução de 90% de energia nos condicionadores de ar. Uma das maiores firmas de arquitetura do mundo, está tentando imitar os "gênios do lugar", o meio natural de criar ambientes eficientes, como por exemplo, na Índia proteger a erosão do solo, dispersando a energia das chuvas ou copiando as formações das raízes das árvores, em lugar de usar fundações de cimento.

Essas ideias estão em fase experimental, mas buscar ou imitar a sabedoria da Mãe Natureza pode ser a solução para um desenvolvimento acelerado do mundo, sem prejudicar o meio ambiente natural.

Livre tradução do artigo «Nature is the model factory», publicado no Newsweek em junho 2010